

Exército reage à fala de Ulysses

Ministro considera injusta crítica a ex-membros da Junta Militar

"A referência do doutor Ulysses a três antigos chefes militares respeitáveis e respeitados foi infeliz e injusta", afirmou ontem o ministro do Exército, general Leônidas Pires Gonçalves, sobre as declarações do presidente da Constituinte, Ulysses Guimarães, chamando de "três patetas" os integrantes da Junta Militar que outorgou a Constituição de 1969.

Em comunicado divulgado pelo Centro de Comunicação Social do Ministério do Exército, o general Leônidas acrescentou que os integrantes da Junta — o general Lyra Tavares (Exército), o almirante Augusto Rademaker (Marinha) e o brigadeiro Márcio de Souza Melo (Aeronáutica) — "adotaram em seu

tempo histórico a decisão que julgaram ser do interesse do Brasil".

— Estou convicto de que o doutor Ulysses não repetiria hoje a lamentável frase que proferiu em momentos de emoção mal administrada — disse o ministro do Exército, acrescentando: "Nenhum homem público está livre das injustiças de julgamento. Por isso, a impertinência na avaliação de fatos passados, esquecendo suas circunstâncias, é desaconselhável".

PIRES

Já o ex-ministro do Exército do Governo Figueiredo, o general da reserva Walter Pires, afirmou on-

tem, no Rio, que os militares que fizeram o movimento de 64 estão olhando de "moral elevada" os desmandos da Nova República. Para o ex-ministro, que habitualmente não fala à imprensa e raras vezes deixa o seu apartamento no Leblon, há três anos que os "revolucionários de 64 esperam que os políticos que condenavam o regime castrense consertem os erros que eles classificavam de entulho deixado pelos militares".

Outros oficiais da ativa lotados na guarnição de Brasília classificaram de "fria" a reação dos ministros às críticas formuladas pelos políticos aos chefes militares do passado, principalmente os que governaram o País.

GIVALDO BARBOSA



Para Ulysses, a entrevista é assunto encerrado

Líder alega uma defesa da Constituinte

O deputado Ulysses Guimarães explicou a alguns parlamentares do PMDB, entre os quais o deputado Antônio Perosa (SP), que não lhe cabia outra atitude senão dar a entrevista que concedeu no Palácio dos Bandeirantes, anteontem, depois de uma audiência com o governador Orestes Quêrcia, "diante dos ataques desferidos à Constituinte por um alto funcionário do Governo" (leia-se Antônio Carlos Magalhães).

Alguns parlamentares compreenderam o tom violento das declarações de Ulysses, inclusive a referência aos ministros da Junta Militar de 1969 como "os Três Patetas" — caso de Fernando Henrique Cardoso e Pimenta da Veiga. "O doutor Ulysses não cometeu nenhuma levandade. A entrevista não foi improvisada e ele não é homem de fazer ataques gratuitos", dizia no plenário o mineiro Pimenta da Veiga.

ENDEREÇOS

Ulysses justificou suas declarações como necessárias diante de ataques do ministro Antônio Carlos Magalhães e, de outras figuras ligadas ao governo, à Constituinte. Ele acha que, como presidente da Assembleia, tem a obrigação de defender o seu trabalho e, principalmente, a sua soberania nas decisões que adota.

Para o deputado Antônio Perosa, Ulysses disse que tinha que defender o trabalho da Constituinte. Quanto à classificação de Três Patetas para os membros da Junta Militar que outorgaram a Emenda Constitucional nº 1, de 69, disse que pretendia distinguir entre os chefes militares que apoiaram o processo de redemocratização do País e aqueles que defendem uma tutela militar sobre a Nação.

Muitos indagavam no plenário da Constituinte quais as razões que teriam levado o presidente do PMDB a fazer uma declaração que envolve três ministros militares de 69, integrantes da Junta Militar, um dos quais já falecido — o Almirante Rademaker — e os outros dois já reformados — o general Aurélio de Lyra Tavares, membro da Academia Brasileira de Letras, e o brigadeiro Márcio de Souza e Melo, sob cuja sombra teve papel destacado na Aeronáutica o brigadeiro João Paulo Bourcier.

O senador Virgílio Távora (também general da reserva) não via razão para que Ulysses lembrasse daquela forma os três ministros militares. Em seu entender, não seria um ato feliz do presidente do PMDB fazer classificação tão violenta a três chefes militares já reformados. Outros políticos do PMDB, alguns ligados a Ulysses, tinham a mesma opinião.

Para um deles, no entanto, Ulysses deu a entender que tinha razões para justificar a sua declaração. "Ele está certo de que há uma articulação em marcha contra a Constituinte e o projeto democrático", dizia um desses amigos do presidente do PMDB. O senador Fernando Henrique Cardoso dizia que esteve com Ulysses quarta-feira da semana passada, encontrando-o bastante tranquilo ("Ele deve ter as suas razões para fazer aquelas declarações").

De um modo geral, todos acham que Ulysses tinha um objetivo em mira, lembrando os aplausos que recebeu quando ingressou, ontem à tarde, no recinto do plenário — aplausos que partiam de todos os setores do plenário, da direita para a esquerda. Lembrou-se, a propósito, que a declaração de Ulysses deixou-o "muito bem" entre os políticos mais à esquerda do PMDB e dos demais partidos.

Mas, um amigo muito chegado a Ulysses acha que ele não deve incorrer nesse tipo de declaração polêmica. "A candidatura dele está em ascensão", argumenta.

A referência aos militares, para Antônio Brito, é sintomática da nova posição adotada, agora de maneira mais clara e mais firme, por Ulysses Guimarães. O lance — ele é visto como o mais profissional entre todos os políticos em atividade — deixa evidente que o PMDB já tem um candidato em campanha.

E isso ele decidiu durante a conversa com o governador Orestes Quêrcia, quando concluiu que a tese dos quatro anos já é vitoriosa, e resolveu explicitar o seu afastamento das posições conservadoras.



Antônio Perosa

Ari Cunha

VISTO, LIDO E OUVIDO

Prefeita dá a virada e Fortaleza melhora

Fortaleza — Os dois primeiros anos da prefeita Maria Luiza nesta cidade foram os piores talvez vividos em sua existência política. Os cofres estavam vazios, as necessidades aumentando e a administração de mãos atadas.

O lixo era amontoado nas avenidas, e as ratas e ratos proliferavam velozmente. Os mosquitos dominavam tudo. As ruas esburacadas eram um transtorno para a população. Nas praias, o grande orgulho do Ceará, uma multidão de necessitados encontrava o seu sustento, vendendo o que era possível. Na areia, conforme o lugar, era preciso caminhar calçado, porque as patas de caranguejo, espinhas de peixes e couros de cangulos eram o incômodo natural para quem usasse uma caminhãda. No calçadão, produtos industrializados substituíam os poucos artesanatos que tentavam vender seus produtos.

Hoje, Fortaleza é uma surpresa. As ruas pavimentadas, asfalto novo, cidade limpa, povo alegre.

O calçadão em frente ao Náutico está livre e desimpedido. Não se encontram mais os vendedores de churrasquinhos com fogareiros a carvão sufocando os transeuntes.

A feirinha foi organizada, as barracas não têm coberta, o que torna uma beleza o ambiente para uma visão geral.

A polícia protege o turista sete dias na semana, durante todas as horas. Já se vê, hoje, em Fortaleza, polícia dia e noite pela praia. Mudou muito. E mudou para melhor.

XXX

Despesa — O caixa do Tesouro cearense não está tão baixo quanto se pode observar pelas notícias. Na verdade, não há intervalo em qualquer estação de televisão que não traga um pouco da propaganda sobre as atividades do governador Tasso Jereissati. A distribuição de sementes, então, foi a mais divulgada possível.

XXX

Libertinagem — O carnaval no Brasil inteiro foi o mesmo, sob o comando das estações de televisão, instruindo os foliões de todos os estados como deveriam fazer nos bailes e nas ruas. As cenas não agradaram a ninguém, tal a brutalidade exibida.

XXX

Voto — A comissão que investiga o voto fraudado na Constituinte está em regime de carnaval. A menos que o painel não seja completo, ele poderá dar a hora e a cadeira onde foi dado o voto, e pode dar também as mesmas informações sobre os vizinhos. Assim, se o Congresso quiser, poderá saber até em que momento foi dado o voto em nome do deputado Sarney Filho.

XXX

Banerj — Este mês completa um ano que o Banerj, um dos maiores bancos estaduais do País, está sob intervenção, e nenhuma medida até agora foi anunciada, nem quanto à devolução ao Estado, nem quanto às punições dos culpados dos atos que motivaram essa intervenção.

XXX

Críticas deixaram a candidatura a nu

Os desabafos recentes de Ulysses Guimarães, na opinião de dirigentes e líderes do PMDB paulista, disseram que Ulysses está irritadíssimo com o Governo e com Sarney. Segundo eles, o presidente da Constituinte só não foi mais duro em suas críticas ao Governo e ao Presidente da República pela prévia interferência do governador paulista.

Ulysses, na sua conversa com Quêrcia, anteontem, no Palácio dos Bandeirantes, fez questão de revelar sua grande irritação pelo que está sendo feito, segundo ele, contra a Assembleia Constituinte. A recente fala presidencial no programa radiofônico "Conversa ao Pé do Rádio", com críticas de Sarney a matérias votadas na Constituinte, deixaram o presidente do PMDB "no ponto de bala", na expressão de um parlamentar de São Paulo.

Ulysses Guimarães irritou-se, também, com as notícias de que o Palácio do Planalto preparou dossiê envolvendo parlamentares em corrupção, que atingiria, inclusive, membros da CPI do Senado que está investigando o assunto. Outra questão que tirou a calma do presidente do PMDB foi a proposta do ministro Antônio Carlos Magalhães, de "zerar" a assembleia Constituinte.

Ontem, à tarde, ao chegar ao Congresso, o deputado Ulysses Guimarães evitou falar no assunto. "Já falei o que tinha de falar em São Paulo. Nada acrescentar".

Delfim achou "indelicadeza"

Ministro da Fazenda em 69, o deputado Delfim Netto (PDS-SP) considerou ontem uma "indelicadeza" o presidente Ulysses Guimarães ter chamado de "três patetas" os ministros que compuseram a Junta Militar. "Contudo — observou —, é compreensível, porque em matéria de patélice o dr. Ulysses é mestre".

O presidente do PDS, senador Jarbas Passarinho (PA), também ministro na época, mostrava-se muito preocupado com a declaração de Ulysses Guimarães. Ele preferiu não fazer declarações sobre o assunto, para não agravar a questão, frisando, porém, que Ulysses tinha sido muito infeliz.

Em relação aos ministros militares que compuseram a Junta, Delfim Netto lembrou que eles foram muito "comedidos" e enfrentaram graves problemas. Depois de elogios, observou, muito seriamente:

— Claro que eles cometeram erros. Um deles foi deixar o dr. Ulysses fazendo suas patéticas. Outro, permitir que o PMDB viesse, no futuro, a tomar conta da economia.

SUSPEITO

Delfim Netto achou, pela TV, que Ulysses Guimarães não estava bem em sua entrevista. "Pelo menos mostrou-se muito mais eufórico do que o usual", constatou. Foi por isso que

No Planalto, perplexidade total

A reação do Governo, mais precisamente do Palácio do Planalto, em relação à entrevista do presidente da Constituinte, da Câmara e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, foi de total perplexidade.

"O presidente Ulysses Guimarães só pode ter perdido o rumo. Não entendemos o que está acontecendo com ele, porque o tom da entrevista, os termos que usou, não refletem o seu estilo de político equilibrado e hábil", comentou um assessor.

A fonte criticou os termos utilizados por Ulysses Guimarães, quando disse, na entrevista, que a Constituinte "sairá na marra" — termo que considerou chulo — e mais ainda quando ele classificou os três generais da Junta Militar de 1969 — Aurélio Lira Tavares, Augusto Rademaker e Márcio de Souza Melo — "os três patetas de 1969".

Com relação a esta referência feita aos ministros da Junta Militar, o assessor revelou que foi considerada como "uma ofensa gratuita" aos militares e

que por consequência criou um grande mal-estar entre a corporação. "E preciso não esquecer que os militares têm muito espírito de corpo", disse a fonte.

Segundo ela, o Governo precisa ainda de mais tempo para avaliar se a entrevista de Ulysses Guimarães, concedida em São Paulo, foi resultado de um mau momento do deputado ou se teve um objetivo diferente: "Talvez colocar em risco o processo de transição tão duramente costurado", arriscou o assessor.

Brizola é risco, diz presidente

Na opinião do presidente Sarney, ocorrendo eleições presidenciais em 88, o vitorioso, seria o ex-governador Leonel Brizola, do PDT, com o apoio de líderes de facções de esquerda do PMDB, como Mário Covas, Miguel Arraes, Fernando Henrique Cardoso, Cristina Tavares, Fernando Lyra e outros. Ulysses Guimarães, candidato do PMDB, seria preterido pelo ex-governador do Rio de Janeiro.

A vitória de Brizola, na avaliação de Sarney a parlamentares do PMDB, não resolveria a crise econômica e poderia preocupar as

Forças Armadas, colocando em risco as instituições democráticas. As informações são de políticos do PMDB que têm conversado com o Presidente da República. Segundo eles, Sarney não esconde sua preocupação com a possível ruptura institucional. Se houver eleições neste ano e vitória do candidato do PDT.

O Presidente revelou-se surpreso com as declarações do presidente do PMDB em São Paulo. O chefe do Governo tem observado que Ulysses sempre foi um líder elegante, um cavalheiro. Deve ter agido mais como candidato

na busca de apoio de todo o PMDB, do que como presidente da Câmara e da Constituinte. A atitude de Ulysses, chamando de "patetas" os três integrantes da Junta Militar de 69, para Sarney, não é do estilo do político paulista.

Na avaliação do presidente Sarney, a chapa mais provável do PMDB na sucessão presidencial seria Ulysses Guimarães a Presidente e, Heli Garcia para vice-presidente. Mesmo assim, o Presidente não acredita em eleições em 88. Prefere confiar na sensibilidade da Constituinte.

Sarney não escondeu o desgosto

Durante conversa ontem pela manhã, com o deputado José Geraldo (PMDB/MG), o presidente José Sarney revelou que não gostou das últimas declarações do deputado Ulysses Guimarães. Segundo o deputado, o Presidente também demonstrou uma grande preocupação com o crescimento do bloco de parlamentares que defende quatro anos de mandato, mas acredita, entretanto, que o movimento atingiu o seu "apogeu", e, por isso, a tendência agora é de estabilização ou de declínio, devendo passar o mandato de cinco anos.

Sarney garantiu ao depu-

tado José Geraldo que pretende continuar às margens dos trabalhos da Constituinte, embora alertando os parlamentares para o fato de o Governo precisar de tempo para executar as últimas medidas econômicas — especialmente fiscais — adotadas em dezembro, para aumentar a arrecadação da União.

Sarney, na visão do deputado, estava tranquilo ao fazer suas observações sobre as declarações do deputado Ulysses Guimarães. A expressão "na marra", no entender de Sarney, não faz parte do vocabulário do presidente da Constituinte. Embora o deputado não te-

nhá reconhecido, a preocupação principal do Presidente diz respeito ao fato de o parlamentar paulista ter se lançado indiretamente às eleições para a Presidência da República.

O deputado, que pertence ao Centro, saiu satisfeito do gabinete do presidente Sarney, porque recebeu a garantia de que o Governo Federal vai liberar uma verba de Cz\$ 150 milhões para a realização de obras na Região Metropolitana de Belo Horizonte. Apesar de ter lembrado ao Presidente o seu pleito feito em setembro, José Geraldo garantiu que "não pediu nada".

Parlamentares ligados ao presidente do PMDB e da Constituinte disseram que ele preferiu encerrar o assunto, para evitar explorações. Citaram, como exemplo, a referência feita por Ulysses Guimarães em 1976, no governo Geisel, ao ditador de Uganda, Idi Amin Dada, para justificar seu silêncio.

Quando deixaram o gabinete do presidente da Constituinte, os senadores Virgílio Távora (PDS) e Fernando Henrique (PMDB) informaram que não haveria declarações de parte de Ulysses Guimarães sobre a nota do general Leônidas Pires Gonçalves.

Ulysses não comenta nota dos militares

"O assunto está encerrado" — disse Ulysses Guimarães, pouco depois das 20 horas de ontem, deixar o Congresso, conversando com o senador Fernando Henrique Cardoso. Pouco antes ele esteve reunido com Virgílio Távora, Nelson Jobim, José Serra e com o senador paulista. Quando se dirigiu ao elevador, cercado por jornalistas que lhe solicitaram comentar a nota do ministro do Exército, Ulysses, desculpando-se afirmou: "Não tenho qualquer comentário a fazer".

Parlamentares ligados ao presidente do PMDB e da Constituinte disseram que ele preferiu encerrar o assunto, para evitar explorações. Citaram, como exemplo, a referência feita por Ulysses Guimarães em 1976, no governo Geisel, ao ditador de Uganda, Idi Amin Dada, para justificar seu silêncio.

Quando deixaram o gabinete do presidente da Constituinte, os senadores Virgílio Távora (PDS) e Fernando Henrique (PMDB) informaram que não haveria declarações de parte de Ulysses Guimarães sobre a nota do general Leônidas Pires Gonçalves.

Brito: Falou o candidato

CELSON FRANCO
Da Editora de Política

Ele não quis saber de conversa, assim que chegou, ontem à tarde, ao Congresso Nacional; apenas disse, antes de entrar em seu gabinete, que "eu já falei tudo que tinha para falar", referindo-se à declaração sobre a Junta Militar de 1969, cujos integrantes chamara de "os três patetas"; depois, ao dirigir-se ao plenário da Constituinte, já cliente da boa recepção às suas afirmações, não titubeou: "Quem baixa uma Constituição autoritária merece a condenação da história".

O deputado Ulysses Guimarães chegou ao Congresso por volta das 15 horas, entrando apressadamente em seu gabinete, onde recebeu diversos telefonemas e visitas, felicitando-o pelas afirmações do dia anterior. Uma hora depois, ao entrar no plenário, reafirmando a função de presidente da Constituinte, foi aplaudido de pé.

O deputado Antônio Brito, um dos constituintes mais ligados ao senador Mário Covas, sintetizou, dessa forma, o efeito das declarações de Ulysses Guimarães, em defesa da Assembleia Nacional Constituinte: "Hoje (ontem), o 'velho' Ulysses reapareceu nesta Casa".

E a imagem do "velho" Ulysses é inesquecível para todo peemedebista, pelo menos para aquele que sente saudades do PMDB autêntico, forjado na resistência ao regime autoritário. Foi também o deputado Antônio Perosa, ligado ao senador Mário Covas, que, ao deixar o gabinete do presidente de seu partido, entre satisfeito e impressionado observou que "Eu nunca vi, em toda minha vida, tanta competência política".

Declaração de candidato, ou não, o fato é que Ulysses Guimarães cumpriu, para felicidade dos progressistas da Assembleia, o papel de defensor, ele que é presidente da Assembleia Nacional Consti-

tuinte. A referência à Junta Militar, segundo o próprio Ulysses, "não foi provocação aos militares".

Afirmou que "tenho o maior respeito pelos militares"; observou que "sou amigo pessoal dos militares que estão no Ministério do presidente José Sarney"; e argumentou que "fiz uma declaração semelhante à que fiz em relação a Dom Pedro I".

Lembrou que fez referência a Dom Pedro I, porque "ele dissolveu a Constituinte de 1823" e completou que "fiz referência — podiam ser civis que mereciam a mesma censura minha — aos que nos impuseram goela abaixo esse estatuto autoritário que ali está".

As declarações de Ulysses Guimarães, na verdade, foram em resposta ao ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, que propusera a dissolução da Assembleia Nacional Constituinte. Em conversa com um parlamentar do PMDB, o presidente da Constituinte deu ao ex-governador da Bahia o tratamento de "um funcionário do Governo, que não deveria meter o beldinho na Constituinte".

Para o deputado Antônio Brito, as declarações de Ulysses trazem em si tudo isso e muito mais, principalmente a explicitação de que está, irreversivelmente, se afastando do Governo, para assumir a posição de condutor maior das forças progressistas na luta para o sucesso da transição democrática.

A referência aos militares, para Antônio Brito, é sintomática da nova posição adotada, agora de maneira mais clara e mais firme, por Ulysses Guimarães. O lance — ele é visto como o mais profissional entre todos os políticos em atividade — deixa evidente que o PMDB já tem um candidato em campanha.

E isso ele decidiu durante a conversa com o governador Orestes Quêrcia, quando concluiu que a tese dos quatro anos já é vitoriosa, e resolveu explicitar o seu afastamento das posições conservadoras.

Plenário aplaude de pé o seu presidente

Ao afirmar quarta-feira que faria a Constituição sair "na marra", o presidente Ulysses Guimarães certamente não imaginava que esse seu ato pudesse repercutir tão positivamente dentro da Assembleia Nacional Constituinte. Homenagem pela unanimidade dos parlamentares presentes à sessão de ontem, o deputado Ulysses foi aplaudido de pé quando, às 16h45m, assumiu a Mesa para dar prosseguimento aos trabalhos constituintes. A entrada do presidente da Assembleia chegou mesmo a causar a interrupção do discurso do deputado Ademir Andrade (PSB-PA), que falava pela liderança de seu partido, exatamente quando criticava a "ingerência do presidente da República, José Sarney, nos trabalhos da Casa e o comportamento do ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães".

O senador Mansueto de Lavor (PMDB-PE) classificou o pronunciamento do presidente Sarney como "um carnaval antecipado do Executivo", dizendo que o "descredito do governo chegou a tal nível que, à exceção da cúpula militar, não existem mais neste país quem conserve a mínima credibilidade ao governo". Disse ainda que ao falar para a nação, o presidente transformou-se em "ínimigo número um da Assembleia Nacional Constituinte, pois afirmou que 'estamos querendo instaurar no país o império do crime e da impunida-

de". Mansueto de Lavor disse que como resposta digna o plenário deveria manter a total integridade do parágrafo 24 do artigo 6º — que trata da polêmica questão —, no que foi amplamente aplaudido.

Paralelo às acusações dos constituintes ao comportamento do presidente José Sarney, emergiram dos pronunciamentos o agradecimento a Ulysses Guimarães pela pronta resposta que deu ao afirmar que a "Constituição sairia na marra". Ulysses chegou mesmo a ficar sensibilizado quando foi declarado pelo líder do PC do B, Haroldo Lima (BA) como o bastião da liberdade. "Sua resposta, sr. presidente, lavou a honra dos constituintes, quando vemos o ministro Antônio Carlos Magalhães, sem sequer corar, considerar como extrarremédio de se zerar os trabalhos até aqui desempenhados, para deixá-los a cargo de uma comissão de juristas".

Momentos antes de encerrar a sessão, por falta de quórum, Ulysses Guimarães concedeu a palavra ao líder do PMDB na constituinte, Mário Covas (PMDB-SP), que usou a tribuna para denunciar o comportamento do presidente Sarney com relação ao governador da Bahia, Waldir Pires. Para Mário Covas, Sarney desceu a níveis intoleráveis quando disse que se competência fosse o parâmetro para julgar tempo de mandato, o governador Waldir Pires não deveria sequer completar 60 dias à frente do governo da Bahia. Mário Covas afirmou que Waldir Pires respondeu a crítica com grandeza e desassombro e empenhou seu crédito ao governador dizendo que a nação inteira se lembrava do período em que ele esteve à frente do Ministério da Previdência Social. "Vamos passar por esse ministério um dos políticos mais sérios deste país", acrescentou.

CHANTAGEM

Dirce Tutu Quadros (PTB-SP) também criticou a postura do presidente Sarney, alertando para o fato de que "para sobre os constituintes a ameaça, feita pelo Palácio do Planalto, da divulgação de uma lista contendo os nomes dos parlamentares que tiveram suas campanhas financiadas por empresas privadas". A deputada paulista disse ainda que o